

ENTREVISTA A ELOÁ RODRIGUES BRIZOLARA*

Agostinho Mário Dalla Vecchia**

No dia 2 de junho de 1994, entrevistamos Eloá Rodrigues Brizolara, que prestou seus depoimentos das 9 horas e 15 minutos até 11 horas e 55 minutos. Eloá nos recebeu com simpatia e descontração e prestou seus depoimentos com convicção e clareza de voz e pensamentos, omitindo tudo que não tinha certeza. A depoente foi filha-de-criação, sua mãe foi filha-de-criação e sua avó, da mesma forma. A bisavó fora escrava no distrito do Boqueirão, município de São Lourenço. Aos sessenta e cinco anos Eloá é uma negra de aparência saudável e se articula como uma líder nata em relação à comunidade de fiéis que freqüentam a sua casa, núcleo de pregação da Igreja Batista. Ora pelos doentes, benze-os. Em sua casa funciona uma escolinha de música e canto para crianças e uma para adultos. Além do atendimento aos doentes a depoente concretiza suas convicções religiosas articulando a venda de roupas usadas a baixo preço para os mais necessitados. Da mesma forma realiza a celebração de natal com crianças pobres incluindo meninos de rua de Pelotas. Ao prestar seus depoimentos refere-se ao passado com nitidez e crítica, sem mesclar sua visão religiosa. Ao falar a respeito dos antepassados escravos e a comunidade negra, fala como uma negra com uma visão decorrente dessas vivências e não de uma perspectiva ideológica. Ao concluir sua exposição presenteou-nos gentilmente com uma colher que pertenceu à sua bisavó quando fora escrava. Mostrou algumas peças de louça que também haviam pertencido à sua bisavó. Eloá na rua Valdomiro Trapaga 178, Bairro Nossa Senhora de Fátima, Pelotas.

* Entrevista concedida a Agostinho Mário Dalla Vecchia.

** Mestre em História. Doutorando em História

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistada: Eloá Rodrigues Brizolara [...] minha bisavó foi escrava. Ela contava que, quando ela fazia alguma coisa arrada, eles amarravam ela na... – ela foi criada dentro da senzala – era preso com umas corrente. E ela sofreu muito. Tanto é que ela foi mordida por uma cruzera. Perdeu uma vista e eles curaram – o pessoal que tinham na senzala, os negros que tinha na senzala – curaram ela só com raízes. E assim mesmo doente, doente ela tinha que trabalhá. Coitada, né! E sofreu muito. Era muito judiada na senzala. Isso era a minha bisavó.

Entrevistador: E onde ela foi escrava?

Entrevistada: Foi lá no lado do Boqueirão. Agora, a estância onde ela esteve mesmo na senzala eu não posso le dizê. Se esclarece bem. Sei que foi a estância no lado do Boqueirão.

Entrevistador: Era escrava de que família?

Entrevistada: Ela dizia que era de família dos Pereira. Agora...

Entrevistador: Como era o sobrenome dela?

Entrevistada: O sobrenome dela era Joana Moura. O outro sobrenome eu não me lembro bem, sinceramente. Mas eu sei que ela era de Moura...

Entrevistador: E o que a senhora sabe mais a respeito da vida dela como escrava?

Entrevistada: Ah, ela contava horrores, horrores! Que a gente fica... até se constrange. As moça que eram virge tinham que sê primero dos filho dos patrões. Que depois então... – os patrões se aproveitavam delas – soltavam elas depois nas senzalas de volta. Elas eram escolhidas e às vezes eram vendidas pra outros. Eram escolhidas pelas canelas. As de canela fina eles diziam que eram trabalhadeira e as canela grossa malandro, pra ir pra roça pros cafezal. Ela prantou muito café nessas fazenda.

Entrevistador: Ela foi escrava em São Paulo também, então?

Entrevistada: Ah, isso ali eu não sei le dizê. Mas que eles prantavam café, mas não precisava sê em São Paulo, naquela época, né. No RS também prantavam nas estâncias, que era pros patrões... Plantavam.

Entrevistador: A senhora sabe de onde ela veio?

Entrevistada: Ah, isso aí não sei, não senhor! Não sei lhe dizê. [...] Eu sei que ela morava no Boqueirão, né. [...] É. Tratavam aonde ela morava também. Uns tratavam Boqueirão, outros Faxinal. Ela, bem

certo, acho que não sabia de onde é que era. Que naquele tempo os escravo eram vendido, né. [...] É. A descendência, às vezes, nem sabe qual é a descendência.

Entrevistador: Ela nasceu no Boqueirão?

Entrevistada: Diz que não nasceu não, né! a gente não sabe. [...] Eu vou le falá aquilo que eu sei.

Entrevistador: Ela tinha alguma marca no corpo?

Entrevistada: Olha, isso aí eu vou lhe ser bem sincera, eu nem me lembro. A única marca, que eu já pronunciei pro senhor, que eu me lembro é dos olhos, que ela foi mordida na senzala. É que a cruzeira mordeu ela... que ela durmia no chão. E os tornozelo bem grosso assim, das corrente, bem grande. Ela contava também que na senzala, eles bebiam o café deles, era na, no porongo. Não havia xicra, né! [...] É. Porongo de cuia. Prato, é gamela de madeira. Culher era de madeira e eu ainda tenho uma, depois vou mostrar pro senhor. Do tempo da, da... É se... não era bem de madeira. Era de couro (de chifre). Uma coisa que eles faziam. E eu ainda tenho guardado de recordação. Era do falecido papai. Mas o meu pai, ele não foi escravo. Ele era dado, mas não foi escravo. Era negro forro, que se chamava. Nego forriado.

Entrevistador: E quando amarravam eles, eles ficavam dentro da senzala?

Entrevistada: Não, era no tronco. Na rua, na chuva e tudo. No tronco, com os braço pra cima... Quando eles faziam uma coisa grave, era com os braço para cima. Apanhavam, apanhavam, assim! Pior do que um bicho! Coisa mais horrível! Ela sempre contava borrores, que a gente hoje até se constrange de contar, né! A gente fica triste, mocionada! Porque, quanto eles sofreram os coitado, né!! Eu mesmo, fico mesmo, com toda sinceridade, fico magoada. Que eu não sofri, mas parece que o sangue vem correndo nas veia, né?! É incrível... Era gente da gente, né! E a gente fica triste de sabê que sofreram tanto!

Entrevistador: O que lhe contava a respeito do trabalho?

Entrevistada: O trabalho era de sol-a-sol, sem ganhar nada, né. E tiria aqueles feitor, aqueles maus. E: – vamo negros, vamo negros! Tudo assim: eram tocado igual uns bicho. Dá-lhe pau! E ia assim. Coisa mais séria.

Entrevistador: As mulheres também trabalhavam na roça?

Entrevistada: Não, as mulher na roça. Ninguém ficava na senzala, não! Era homem e mulher com emxada nas costas.

Entrevistador: Trabalhavam mais na agricultura?

Entrevistada: [...] eles sempre contava que eles iam pra roça. Roça acho que deve ser lavoura... acho que deve ser.

Entrevistador: Quem cuidava da casa, da limpeza, da comida?

Entrevistada: Não... na senzala não. Na senzala, ela sempre contava que limpeza não tinha na senzala. Era só dia que... eles tinham dia pra comer aquela canjica. Assim, comida afreventada, aquilo que não prestava mais. Quando matavam o, o... vamo supor: se os patrão, sinhozinho – que chamavam – matavam gado, pra eles só sobravam aquelas buchada, aquele mondongo, que hoje chamam, tripa grossa. Aquelas coisa do boi, pernil (pata) do boi. Aquilo que era pra eles, né! Carne mesmo, eles não podiam comer. Era só pros patrão, eles comiam carne. Deus o livre! E que roubasse um pedaço de carne!!! a tunda que eles iam levá!

Entrevistador: Normalmente eles tinham essas miudezas pra comer?

Entrevistada: Dia de festa! [...] Ah, normalmente, a minha vó, por o menos ela sempre falava isso; era o feijão, canjica, né. Isso era muito usado. Feijão? canjica? cuscuis. [...] Tudo era feito por eles mesmo. Eles moiam a farinha e faziam cuiscuis pra comer. Mandioca, isso eles podiam comer. Era tudo isso [...] comida de senzala! Hoje até o rico tá comendo mandioca. O preço que tá tudo... Eles comiam muito feijão. Era tudo plantado por eles. Tudo por eles. O feijão era prantado por eles. Que eles comiam, a mandioca era plantada por eles. A minha bisavó; minha avó contavam. E a minha bisavó também contava isso. Mas eu tô contando mais é o que a minha bisavó contava, né.

Entrevistador: E o que seria assunto mais grave?

Entrevistada: Ah, mais grave? Quando, assim, aquelas moças... – porque rico também tinham as safadezas deles – né! uma moça aparecia grávida, eles enterravam no fundo da bananeira. Se não dava pra... eles escolhiam um da senzala pra cuidar. Mandavam pra um lugar longe. Aquela negra pra cuidar o filho daquele branco, pra moça não... lá entre a sociedade não saber. Aquelas rica também engravidavam, né. Então eles escondiam. E pra todos os efeitos eles escolhiam uma nega da senzala, prá cuidá! Havia uma que tava a mamentando, então tirava

daquela, pobrezinho, daquele pobrezinho da senzala pra ir amamentar o filho do branco, é!! E escondiam aquela nega pra um lugar. La ia pra uma fazenda mais longe, de um parente. Então aquela negra ia pra cuidar aquela criança. Acontecia isso também. Quando não podia abortá. Porque às vez elas abortavam com erva de chá. Tinha certos assuntos que a gente não podia ouvir. Mas depois a gente foi crescendo. Via as conversa das avós da gente. Das avós da gente, a gente já.... Não era burra não! Ha, ha, ha... Ia escutando. Mas tinha horror do que eles faziam. Mas eu conheci, eu mesma, com a idade que eu tô, com 66 anos. Eu conheci família, – que essa senhora ainda era viva até pouco tempo, – ela era filha de uma ermã e chamava a tia de mãe e a ermã de tia, por causa do preconceito dessa situação. É tinha essas coisa.

Entrevistador: Como era o ambiente na senzala?

Entrevistada: Ah, tudo assim naquelas tropiria, naquelas coisa. Eles não tinham uma cama direita pra durmi, não! Não, eles não tinham porque a minha bisavó sempre contava. Era estopa, naquele tempo. Linhage. [...] Tudo linhage, era palha. Eles dormiam nas palha, era assim. À moda bicho, mesmo! Eles se tapavam com estopa. Eles faziam de, de... a minha avó sempre contava que eles puchavam os fio da estopa. Faziam aquelas coberta de estopa. Faziam esteras, dormiam nas estera. E tudo feito por eles. Lá tudo era feito por eles. Os inhonhô, que chamavam, né, não compravam nada pra eles. Tudo eles adquiriam pelas mãos deles mesmo. Faziam aquelas estera de junco. Entravam nos banhado... E os que não dormiam no chão, eles faziam uma... Porque a gente hoje tata beliche. Mas agora eu não me lembro o nome que eles davam. Não era bilicha, não. Que eles faziam aquelas cama assim... E, às vez tinha senzala ruim, que tava chovendo, né. Então els faziam aquelas cama. E as comidas deles era tudo naquela panela de ferro, naqueles panelão de ferro. Com fogo de lenha, tudo colhido por eles. Eles que faziam as comida deles na senzala.

Entrevistador: Como era a comida dos senhores? e a comida da senzala? Comiam juntos?

Entrevistada: Não senhor!! Que isso...? Não, lá dentro. Ela tinha aquelas escrava que eles tiravam pra cozinhar lá dentro. Não, lá dentro tinha as Bá. Tinha Bá pra cuidar dos filhos da sinhazinha e pra fazê comida pro inhonhô. Sempre tiravam duas, né! (pequena quantidade de escravos). Eles escolhiam nas senzalas, duas pra servi o corpo da casa. Sempre, sempre tinha duas. Era difícil ter três.

Entrevistador: Eram melhor vestidas essas?

Entrevistada: Ah, mais ou menos. Essas, andavam sim mais arrumadinhas. Porque tinha que tá lá, né! Porque vinha esses granfinos. Não eram umas roupas assim, tão chiques. Mas andavam mais arrumadinhas, né. Porque tinha que tá lá com os sinhozinhos. Tinham os ventalizinho delas, vestidos delas, né. E aquelas que eram escida pra cuidá com as sinhazinhas, pra andá passiando com elas, aquelas sim andavam bem! Passear com elas. Andavam no campo. A minha vó sempre contava. E a minha bisavó também.

Entrevistador: E eles calçavam alguma coisa então?

Entrevistada: Não, os escravos não. Sempre de pé descalço. Mas aquelas que tavam lá dentro, sempre calçado. Ah, sempre de sapatinho, de chinelinho no pé. Tamanco. Eu cheguei a vê com a minha bisavó os tamanco que eles usavam. Os tamancos de coro... eu vô lá dentro buscar a colher pro senhor vô.... (foi realizado um intervalo no qual a entrevistada ofereceu um café e a presenteou o entrevistador com uma colher que fora de uso da escrava Joana, bisavó da entrevistada. Foi fotografada a colher feita de chifre de boi.) Em solteira é: Eloá Couto Rodrigues, né! Mas aí eu casei e ficô Rodrigues Brizolara.

Entrevistador: Então essa colher pertenceu a...

Entrevistada: Joana Pereira Moura. Deve ser uma coisa assim.

Entrevistador: E depois pertenceu a seu pai.

Entrevistada: É, Gentil Moura Rodrigues. É porque eu fico meio atrapalhada por causa dos sobrenomes, né. Porque a gente também esquece o sobrenome das pessoas, né. Por isso eu tenho que me lembrá bem, pra não botá coisa errada.

Entrevistador: Como o 'sinhozinho' tratava e se relacionava com os escravos?

Entrevistada: Eu tava dizendo: muito mau tratado. Eles eram mau tratados mesmo! Eram muito judiado. Agora, a minha vó já não pegou escravatura. Ela fo filha-de-criação. Negra forra. Ventre livre chamavam! [...] Ela era ventre livre... Ela trabalhou com gente que era da escravatura. Mas, já era do tempo da abolição. Não eram mais escravo. Mas tinha aquele carrancismo, que eles custavam a perder, né seu... custavam a perdê!

Entrevistador: E teve escravo que fugiu da estância?

Entrevistada: Barbaridade que fugia. E pegaram um e até mataram, a minha bisavó contava que fugiram da estância e mandaram uns capanga e pegaram eles e mataram, até acho que foi dois. Eles matavam e enterravam a moda bicho! Não tem esse negócio de caixão não.

Entrevistador: Por que eles matavam? Eles reagiam?

Entrevistada: Não. Mas é, naquele tempo eles matavam por qualquer coisa, meu filho!!! Se os inho comia um doce escondido, eles batiam até terminar com sua casca.

Entrevistador: O escravo custava muito para ser comprado. Por que matavam assim?

Entrevistada: Senhor sabe como é, né! Às vez a gente não sabe. Eu não vou le dizê coisas que eu não sei. Mas, talvez tava meio velho, não prestava mesmo, né! Quem sabe foi isso. É uma coisa que eu não sei. Mas, pode ser isso! [..] As vez tinha escravo que não tava dando muito, né, e tinha aqueles escravo que eles tiravam pra reprodutor, que a minha avó contava. E esses eles tratavam melhor ainda. Davam uma comida mais forte. Não davam comidas de altas, mas comiam melhor que os outros, porque aqueles eram escolhido pra reprodutor, [...] ela conversa-va com minha avó.

Entrevistador: Então não tinha família entre os escravos?

Entrevistada: Não. Lá ninguém se respeitava. Era assim óh: pai com filho, irmão com irmão. Não tinha problema. Na senzala, assim, não tinha era filho de fulano. Pai de fulano, irmão de fulano, era... tudo nessa base. Mau comparando: como um cavalo. Quando o senhor pega um potranco pra cuidá, pra sê reprodutor, é assim... Isso a minha bisavó contava. Ela era avó do meu pai, né.

Entrevistador: Quando uma escrava engravidava, como o sinhozinho encarava isso?

Entrevistada: Ah, bom, quando ela engravidava é porque ela já tinha sido dele. Se tinha moço na família, o patrão... isso a minha avó sempre contava, era muito difícil eles dexarem uma moça virge né. Tinha que sê deles primero, depois sim, eles que pegavam primeiro. Se ele não pegava, o patrão, otros sinhozinhos pegavam. Era assim. E depois elas eram vendidas, né! E algumas iam virgem pra lá e já pegavam.

Entrevistador: No caso de uma escrava que ficava grávida de um escravo eles permitiam que nascesse?

Entrevistada: Ah, isso ali eu não vou le dizê porque eu não sei. Mas eu acho que sim. Porque o senhor vê: tanto é que a filha do sinhozinho ficava grávida e eles tiravam a nega da senzala, desmamavam aquela criança pra trazê pra dentro de casa. E dexavam o pobrezinho nas mão dos otro na senzala, se criando feito um porquinho no chiqueiro. Então, eles permitiam, né! e tinha que sê tudo junto, senão como é que ia ficá? Pra aumentar a criação, né! Mesma coisa que o senhor fizer uma criação de porco, de cavalo, de ovelha, né!

Entrevistador: Quantos escravos tinha na estância?

Entrevistada: Olha isso eu não sei lhe dize, mas era bastante. Que a minha vó sempre falava, tinha muitos escravos.

Entrevistador: Na base de uns vinte?

Entrevistada: Talvez, talvez fosse isso... ela nunca chegou a dizer. Mas tinha uma estância, muito famosa que eu ouvi falar, que tinha trinta escravos. De um senhor muito rico. Não sei quem é esse senhor... É, aquelas que chamavam charqueada. Era muito escravo. E não trabalhavam por dinheiro, só...

Entrevistador: Bem, nós ouvimos bastante coisa sobre a escravidão. Certamente a senhora teria muito a contar. Vamos agora conversar sobre a vida de sua avó, que foi filha-de-criação também. O que a senhora teria para nos contar?

Entrevistada: Bom... a minha avó foi criada na estância do Frontino Vieira Filho. Se terminô de criá na estância deles, onde eu tive, né! Eu fui empregada deles lá. Mas ela já era negra forra, nesa época. Lá eles eram muito ruim pra ela. Mas sempre tinham aquelas coisa que eles custaram a perder, né, claro! Não sentava na mesa com eles. Mas isso até hoje ainda acontece. Não é de admiração. Mas ela, pra servir a comida, sempre aquele medo. Tinha hora certa pra bater o ferro. O senho sabe o que é? Pra chamar os empegado. E estância bate o ferro, aí bate ferro pra eles vim. Tem que bater com muita força. Mesmo que sino de igreja. Porque els tão lá nos cafundó. Então, escutam aquele ferro que tine mesmo. E tinha hora certa pra minha avó batê. E a comida dos patrão pra serví primero. A comida na mesa servida primero. A primera batida, mais leve, era pros patrão. Pra então, os patrão tudo vim almoçá. Tomando chimarrão. Vinha aquilo bonito. Das parrera, tudo bem arru-

mado vinham pra almoçar. Aí, daqui a pouco eles sentaram na mesa e daí batiam o ferro. Ia mais onge pra batê o otro ferro... os empregado. O ferro dos patrão, eles batiam embaixo da parreia. Bem aonde eles almoçavam, numa varanda. E o ferro do, do... empregado era mais longe. O senhor pode até ir lá, pode ser que ainda esteja lá o ferro, né. A Ilha da Feitura.. é lá na estância, São Luiz também, ela esteve lá, porque era dois irmão. O velho dondonga, o nome dele era Frontino Vieira Filho e o ermão dele era Chico Vieira. Isto, estância em terra: estância São Luiz. Do Chico Viera, e a minha avó também trabalhô no Chico Viera. Agora se terminou tudo. Ainda agora mesmo, falei com uma das filha dele aí.

Entrevistador: E como ela foi parar nessas estâncias?

Entrevistada: Bom, ela já veio de otra tradição. Mas ela foi parar nessas estância porque ela já era nega livre e já trabalhou... morou em São Lourenço, né. Primero ela esteve na estância, depois foi pra São Lourenço. Depois veio de novo na estância, né. Aí ela doeceu nessa estância que eu tô le dizendo... na feitoria. Foi pra São Lourenço. Lá ela doeceu. Teve câncer. Voltô pra Pelotas. E ela teve em Pelotas, teve se tratando num famoso médico...

Entrevistador: Então, ela foi filha de criação desses estancieiros?

Entrevistada: Filha de criação desses estancieiros.

Entrevistador: Pois é, como ela foi parar lá?

Entrevistada: ...agora eu não sei como ela foi pará lá. Isso não sei le dizer. [...] ela veio do Boqueirão [...] mas quando ela veio do Boqueirão, ela era forra.. Sim, e a minha bisavó, quando ela veio pra Pelotas ela era forra, também. É, já tinha terminado a escravatura.

Entrevistador: E como era tratada a sua avó?

Entrevistada: A minha avó? Não. Lá ela não era maltratada. Só aqueles carrancismo, atendia o serviço direitinho. Não apanhava nada, porque já tinha terminado a escravatura. Mas, eles sempre tinham aquela coisa. E se eles podiam, nos negrinhos eles davam. Tinha terminado a escravatura, mas eles batiam. Porque quem falava mais alto era o dinheiro, né! Não podia dá, mas eles davam. A gente tinha medo deles que se pelava tudo. Tinha um respeito! Parecia que eram pais da gente. – Vem o seu fulano! Vem o seu fulano! E a gente já se escondia louco de medo!

Entrevistador: E o trabalho?

Entrevistada: Ah, o tabalho era bastante na estância, né! O senhor vê: ela lavava pra eles todos, cozinhava, limpava a casa. Só uma empregada pra fazê tudo. Dava conta de tudo!

Entrevistador: Trabalhava fora também?

Entrevistada: Nesse tempo não trabalhava fora. Só lá dentro. Só dentro da estância. Pô, trabalhava pra eles, cozinhava pra eles, lavava roupa da família toda. E passava bem passadinho. Aquelas bombacha de estância, que era coisa séria. Dia de marcação ficava sujo pra caramba! Tudo brim brabo. Naquele tempo: zefir. (final do lado A da fita I)

Entrevistador: A senhora estava falando do zefir, da roupa que eles usavam?

Entrevistada: [...] Hoje a gente trata de brim, brim liso, mas naquele tempo era de listra. Era duro pra lavá. A minha avó lavava aquilo tudo, tudo, tudo...

Entrevistador: E onde que lavavam roupa?

Entrevistada: Ah, tudo numa tina. Quando não era na sanga, era numa tina. Mas à vez, que lá era a Ilha da Feitoria, a praia, às vez que salgava a água, então a gente tinha que carregá água da cacimba, do algre pra enchê as tina, né!

Tinha que se bem lavada aquela roupa! Elává aqueles lençol deles da fazenda, coará, tudo bordado. Engomá aquilo tudo, as toalha das mesa tudo engomado, tinha que sê tudo engomadinho. [...] tinha que engomá gurdanapo de boca, aí que não engomasse! Não era escravatura mais, mas era mesmo que sê. Fulano, essa coisa tá mal lavada, tá mal passada, e atirava na sua cara. Não era mais escravatura mas era mesmo que sê, que eles le atiravam na cara e o senhor não podia dizê nada! Ficava bem calado! É horrível! Ela coitada atendia tudo: lavava e daqui a pouco já tinha que vim pra cozinha fazê o almoço. As vez era tarde da noite ela tava escolhendo feijão. Não sei como é que tinha tanto fogo! Não sei daonde saía tanto fogo! Era uma coisa horríve.

Entrevistador: Então, ela trabalhava a partir de que hora?

Entrevistada: De sol a sol [...].

Entrevistador: E de noite sempre sobrava trabalho também?

Entrevistada: De noite ela tinha que tá escolhendo aquele monte de feijão pra botá no fogo! Quase todos os dia tinha que cosinhá feijão, quase todos os dia.

Entrevistador: A família do fazendeiro era grande?

Entrevistada: Era [...] falecido Dondonga, falecida Noemi, o Plínio, o Aloízio, o Lalô, esse me lembro o nome, o falecido Luiz, que já morreu, a dona Diva. Tá! Isso so os ioiô, os granfino, e às vez os primo, que iam prá lá, [...] porque o capataz que era primo, era lá na mesa também. O Dorival, a mulher do Dorival, os dois filhos do Dorival. Eram onze pessoas dos granfino pra comê na mesa. Onze pessoa. E pra lavá pra onze pessoa. [...] Fora os empregado! [...] Não, os empregado era separado a ropa deles. Sim, era separado. Ela lavava pros empregado mas era separado. [...] Ela lavava. [...] Ah, os empregado era um horror de empregados!

Entrevistador: Essa gente morava onde?

Entrevistada: Ah, morava na estância. Tinham seus quarto, tinham os quartinho deles nos fundo! [...] separado da casa da família! Ah, esses empregado era (separado) da casa da família, o galpão que chamava. [...] Moraravam no galpão. Mas aí já tinham cama direitinho, né! [...] lá naqueles tempo cada um tinha sua cama direitinho. Mas cada um deles fazia sua cama. Aqueles que tinham dinheiro [...] já ganhava dinheiro nessa época.

Entrevistador: Já tinham salário?

Entrevistada: Já tinham saláriozinho deles, né! Aí, se eles queriam que a minha avó lavasse a ropa, eles pagavam a minha vó. Era poco mas pagava. [...] Dava uns troco assim pra minha vó, e a minha vó, sabe comé, né...

Entrevistador: E a sua avó? Onde é que ficava?

Entrevistada: A minha avó ficava num quarto também pegado a casa da família. [...] Separado, mas grudado na casa [...].

Entrevistador: Mas aí já tinha cama direitinho?

Entrevistada: Caminha, já tinha, já tinha cama direitinho!

Entrevistador: E a sua mãe recebia algum salário pelo que fizia?

Entrevistada: La na estância? A ganhava. Ganhava poco, mas ganhava! [...] A minha vó, [...] ela ganhava, mas eu me lembro que ela se quechava que fazia uns quantos mes que ela não via a cor do dinheiro. Por isso eu sei que ela ganhava.

Entrevistador: Então ela já não era mais filha-de-criação.

Entrevistada: Não, não, nessa época ela já ganhava o salário.

Entrevistador: A partir de que época ela passou a ganhar?

Entrevistada: Bá, mas aí eu acho que ela já tinha marido, né! [...] Antes não! Aí quando ela já tinha marido que ela voltô pra estância... porque ela saiu da estância e voltô, né.

Entrevistador: Antes de voltar para a estância quando já tinha marido, ela tinha sido filha-de-criação?

Entrevistada: Aí ela não recebia. Mas quando ela voltô, ela passô a ganhá. [...] Voltô como empregada. Isso eu tenho certeza porque ela dizia ah, meus Deus vô tê que esperá vir o dinheiro, porque vinha o dinheiro não sei de onde, né! É que eles tinha que esperá vendê gado tamém, né! – Já, já faz tempo e eu não vejo a cor do dinheiro, ela sempre dizia! Tô loca pra recebê meu dinheiro, e não recebia. Ah, todos eles se quechavam. Custavam a recebê. [...] A minha avó ela foi casada e depois se separô do marido. E o marido era lá do lado da Bahia. Mas também era nego forro, tinha sido escravo. Dessa gente de escravidão. Também não sei como veio pará aqui.[...].

Entrevistador: A sua avó teve muitos filhos?

Entrevistada: Não, [...] meu pai era do primero casamento sim. E essa mia tia que não gosta de dá entrevista que é muito recalçada, é filha do velho dondon [...] É do estancieiro. E ele nunca reconheceu ela.

Entrevistador: E no caso, a sua bisavó também era mulata?

Entrevistada: Era mulata!

Entrevistador: Provavelmente era filha de escravo com...

Entrevistada: O filho do patrão, era. Era. E essa mia tia é filha do velho Dondonga! [...] É por isso que ela é assim muito recalçada, recalçada! Se vê que a pessoa tem assim aquela...

Entrevistador: Mas ela viveu com a sua mãe? Ela não foi aceita pela família branca, como filha?

Entrevistada: Não, mas quando ela viveu com a minha avó, ela já era livre, né. [...] Sim, quando o velho fez... quando a minha avó engravidô do velho, já não era mais escravatura! Mas sempre metiam a mão, sempre metiam a mão! Até hoje...

Entrevistador: Quer dizer que o velho não aceitou essa filha como sua?

Entrevistada: Ah, isso ele não aceitou nunca, nem conheceu. Eles faziam e depois eles tinham... [...] Ah, não, não queriam nem que

dissesse. Equando eles sabiam que a escrava tavam... ou as empregada porque já não era mais escrava, eram empregada estavam grávida, já tratavam de mandá embora, pra tê o filho em outro lugar. Claro, eles não reconheciam mesmo, não reconheciam! [...] Faziam horrores. E fazem hoje por debaixo do panos e fazem!

Entrevistador: A sua bisavó se referia aos antigos como pais de criação? Ela se dizia filha-de-criação dessa família?

Entrevistada: É...

Entrevistador: No caso agora,

Entrevistada: Ela era filha-de-criação a minha bisavó. [...] não consigo lembrá o nome dos pais dela. Agora eu não sei!

Entrevistador: E a avó também falava que tinha sido filha-de-criação?

Entrevistada: Ah, sim, isso a gente tem certeza que ela era filha-de-criação. A não... essa duas não foram criadas com os pais. Isso eu tenho certeza. Isso aí eu sei...

Entrevistador: A sua bisavó tinha sido escrava e a sua avó é...

Entrevistada: Isso a gente sabe. Da ondé que ela veio a gente não sabe, né! Mas a gente via que a coitada da mia bisavó era bem judiada mesmo, ela era uma velha magrinha, assim. Tinha as junta grossa das corrente, cotada.

Entrevistador: E os irmãos de criação de sua avó [...] filhos do Dondonga, tem algum deles vivo, que mora na cidade. Alguns deles morreram certamente.

Entrevistada: É! Não, aqui na cidade, quem deve ser vivo, lá que tá lá por São Paulo... O Plínio já morreu, o Luizinho também já morreu. Eu acho que quem deve tá vivo é o Aloisio, que tem o apelido de Lalô. [...] Tem o Mozart, tamém. Não sei se vive? A Noemi, deve de tá viva também, né. [...] Mas a Noemi não era filha-de-criação, era filha dos velhodos velho, né [...] ela deve tá com um poco de idade, mas vive, ela ainda vive! Mas eles não contam nada da escravatura. Eles não querem contá. Que geito eles vão contá.

Entrevistador: Contá o lado negro das coisas.

Entrevistada: Isso aí eles não conta. Não adianta entrevistá eles que eles não contam [...] Há, é. Isso é verdade!

Entrevistador: A alimentação, no caso da sua avó que era..

Entrevistada: Não, não a alimentação era boa!

Entrevistador: Comia na mesa com eles?

Entrevistada: Não comia. A alimentação era separada, só não comia a mesma coisa que os patrão comia! [Tinha que sê comida] separada pra eles. Por exemplo se lá dentro (idéia da separação espacial) o senhor tinha bife pros patrão, pra eles aqui tinha que sê um guisadinho, um guisadinho bem feito, separado. Se la dentro tinha pão, aqui pra eles era bolacha, contudo que eles já eram liberto mas era assim. [...] era diferente! Se a bolacha era lá dentro pros patrão, vamos supor que não tinha pão, os patrão comiam bolacha, aqui era pão torrado pra eles. Entendeu? Isso até eu comia, porque eu arancei isso, né. Que também tava lá na estância.

Entrevistador: E tinha leite?

Entrevistada: Leite sim. Leite eles tomava. Podia tomá leite. Leite eles dexavam tomá.

Entrevistador: Era ela que tirava leite das vacas?

Entrevistada: Quando não tinha, que o empregado não podia tirá – que sempre tinha um velho que ficava ao redor das casa, que era pra trazê a lenha, esse que era o melhorzinho, eles já dexavam um velho, uma pessoa já de meia idade, aquilo que le contei, quando já não tava prestando mais, só pra parti lenha, pra carregá água, assim, um balde dágua, dois. – Seu fulano, não tem água aqui na talha. Lá ia ele buscá e aquele era só pra isso, na volta, né.

Entrevistador: Agora vamos passar para a sua mãe, então!

Entrevistada: Bom, a minha mãe [...] veio lá do Rio de Janero. Ela veio lá do Rio de Janeiro e foi criada com a família Liseu. E, tava lá com a família Liseu. E depois, a dona Diva Candiota casou com o Dondonga, que é o Frontino Vieira Filho, e levô ela pra estância, né. Levou ela lá pra estância.

Entrevistador: Então ela saiu da família que veio do Rio de Janeiro e foi pra estância do Seu Dondonga?

Entrevistada: É, isso mesmo, mas menina! E ela foi pra lá. E o meu pai já estava criado com o velho Dondonga. Naquele tempo, criava os negrinho. Cada um tinha o seu pagem, né! A sinhazinha tinha sua negrinha e o filho do estanciero também tinha seu negrinho. Aí a minha

mãe foi pra estância, chegô lá, se criaro até certo ponto lá, como irmão, né. E depois já tava numa certa idade, [...] não sei o que que ouve, que aí veio eu. Eu sô a primogênia, Eloá, ah, ah! Sô a filha primera, né. Aí quando soubero que a minha mãe tava grávida, dero um jeito nos papel e casaro a minha mãe aqui em Pelota. Eu tenho os papéis tudo direitinho como ela era casada mesmo! Aí a minha mãe voltô pra estância, né. Que ela trabalhava lá estância [...] do Dondonga. Qué dizê que vó e mãe, tudo passô por lá, né! Aí não deu certo o casamento, a minha mãe com o meu pai.

Entrevistador: E esse senhor que vivia com ela foi pra estância também?

Entrevistada: Não senhor, esse não foi, era daqui. Esse a gente não sabe de onde é que ele veio, né! Mas, tinha todo jeito de escravo. Falava pati, bi pachi e muito sofrido assim também. Tinha os tornozelos grossos assim,... bem preto! Um crioulo bem preto! [...] Ele era Chagas o sobrenome dele.

Entrevistador: E o seu pai, quando se separaram, ele também saiu da estância?

Entrevistada: Não senhor, ele ficou toda vida na estância.

Entrevistador: E depois a sua mãe voltou na mesma estância?

Entrevistada: Não. Ela voltou pra família da estância, aqui na cidade. A dona Diva, de lá da estância – porque eles tinham casa lá e casa aqui. [...] Veio, veio, porque a menina tinha que estudá, né!

Entrevistador: Como foi tratada a sua mãe?

Entrevistada: Porque ela veio guriuzinha lá do Rio de Janeiro. E depois que a dona Diva casô com o seu Dondonga, ficou com eles, né! [...] Tratavam ela bem. Não tratavam ela mau. Só com aquele negócio... aquela coisa de sempre. Eles tinham aquilo com medo. Mesa de patrão eles não podiam sentar. E sempre tudo: a tempo e a hora. Ela sempre disse que tinha muito receio deles. Sempre com medo. Porque se fazia alguma coisa errada, já viu, né! Porque terminou a escravatura. Mas, se eles podendo dá eles davam.

Entrevistador: E algum deles apanhou depois da escravatura?

Entrevistada: Ah! minha avó apanhou. [...] apanhou do próprio velho, sim. [...] Eu esqueci de le contá, porque é tanta coisa... mas ela apanhou sim. Apanhava. E uma tia minha que parou lá na estância [...]

a tia Nilza, que morreu, ela apanhou do velho Dondonga uma vez. Não sei o ela fez de errado, ela apanhou.

Entrevistador: E a sua avó também?

Entrevistada: Apanhava. Fazia coisa errada, apanhava.

Entrevistador: E o que seria coisa errada, por exemplo?

Entrevistada: Ah, cosa errada: se contava uma coisa que não era pra contá, que via. Se vinha uma pessoa perguntá, tinha que perguntá primero pro patrão, não era pra contá aquilo. Apanhava. Coisa errada era isso. Contava uma coisa que não era pra contar, assim, pra eles. [...] A minha mãe, não. Acho que não apanhou deles.

Entrevistador: E o trabalho de sua mãe?

Entrevistada: Ah, Trabalhava bastante. Trabalhava, né. Então, ela era mucamba (mucama) que chamavam. Sempre era mucamba Terminou a escravatura mas sempre [...]. Mucamba né. Mucamba. Não passava disso. Porque o senhor vê, uma pessoa que tira pinico! Tem um velho que é o pai do dono da estância, tá lá escarrando, vomitando, tudo. Não passava de uma mucamba, né! Elas que tem que fazê tudo. – Vai lá negra! E depois não é... não chamavam pelo nome. – Neguinha vem cá!! – Negrinha faz isso, negrinha faz aquilo. Era muito difícil chamar pelo nome. Eles não chamavam. – Anda negra! Vai de uma vez! Negro isso, negro aquilo. – Vem negrinho, vem cá!

Entrevistador: Que trabalhos ela fazia na casa?

Entrevistada: Ah, lá? Ela atendia assim: Lavava e passava os vestido das moça. Quando ela era solteira, né! Depois de casada ela atendia todos os serviços da casa. Antigamente eles não botavam duas empregada. Era muito difícil. E quando botavam duas empregada, por exemplo, uma era só... se a moça era solteira, era atendê a moça. Atendia a moça, dá banho na moça. E a assim, e quando tinha sorte, aquela que tinha sorte, que era só pra atendê as moça, tava no céu aberto, porque dormia com a moça, tudo ali.

Entrevistador: No mesmo quarto?

Entrevistada: É, às vez tinha no mesmo quarto e otras no quarto ao lado. [...] A minha mãe, numa certa parte ficou, quando a moça casou, já ficou lá dentro atendendo tudo. Mas no começo ela ficou... primeiro ela era babá da dona Diva... (final da fita I, lado b) [...] Não passava de uma mucama mesmo.

Entrevistador: Ela fazia todo o serviço de mucama antes da Dona Diva casar, e depois de casada, quem atendia tudo isso?

Entrevistada: Ah, isso ela continuava fazendo. Aí eles arrumaram pra cozinhá lá dentro, enquanto a minha mãe não podia atendê a cozinha porque era muita coisa. Porque naquele tempo era uma granfinada! Desde as unhas tinha que arrumá. Elas não usavam, naquela época, unha pintada. Mas usavam as unha bem lixada, bem arrumadinha, né? Pintura elas não usavam naquela época. Mas bem limpa as unhas. Quem limpava eram as mucama. Unha dos pé e tudo. Era as mucama que cortava. Então ela agarrava... Diulinda, o nome da senhora que cozinjava, viu! Veio agora o nome da senhora que cozinjava [...] então, a esposa do Chico Araújo que tomou conta da cozinha. Ela tinha uma ferida braba na perna.

Entrevistador: Quem era o Chico Araújo?

Entrevistada: Era um dos empregado da estância. [...] Mulato e ela também era mulata, uma índia. Ela veio de outros lados com certeza. Mas a gente não sabe, né!... falecida Diulinda. De toda a confiança. O que eles tinham de mais confiança botavam no seio da casa. Então, a falecida Diulinda cozinjava, passava a roupas né! e atendia toda a lida de dentro da casa, a falecida Diulinda e o falecido Araújo ia pros campo cuidá os gado e tudo, né! e a minha mãe atendia a dona Diva. Só pra atendê a dona Diva que é esposa do velho Dondonga. [...] casou a segunda vez, né! A mulher bem novinha e mulher bonitinha!

Estamos publicando parte do depoimento de Eloá Rodrigues Brizolara para os leitores terem uma idéia da memória da escravidão guardada pelas gerações de negros da Região Meridional do Estado. A entrevista integral faz parte do documento de história oral que está sendo elaborado para a realização de nossa tese de doutorado em História do Brasil, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A tese refere-se os filhos-de-criação cujo trabalho efetivou a existência de uma forma de produção semi-servil que vicejou nas últimas décadas do século XIX e se prolongou nas décadas posteriores deixando de existir à proporção que o capitalismo foi lentamente se implantando nas cidades e no campo através da industrialização.